



3 e 4 de dezembro

III Encontro

de Educação, Direitos Humanos,
Gênero e Sexualidade

“GAROTAS DA ZONA SUL”: EXPERIÊNCIAS EDUCACIONAIS DE MULHERIDADES NA PÓS-GRADUAÇÃO À LUZ DAS INTERSECCIONALIDADES

Clarisse Mack¹

Ingrid Santos²

Mônica Brandão³

INTRODUÇÃO

A experiência educacional de mulheridades na pós-graduação, em particular nos cursos de mestrado e doutorado, é permeada por marcadores que as atravessam resultando em, por um lado, adversidades resultantes das interseções entre o racismo, a cisnormatividade e os recortes de classe, e por outro pelas estratégias de sobrevivência e resistência. As “garotas da zona sul” surge como uma proposta de aquilombamento interseccional de mulhereridades racionalizadas, travestilizadas, neurodivergentes e permeadas pelas questões de território e classe.

A metodologia empregada se aproxima do que se pode compreender como uma autoetnografia ou ainda, se localiza na escrevivência, uma proposta materializada por Conceição Evaristo (2020). As autoras se colocam como sujeitas da pesquisa e pesquisadoras, a partir da ótica dos saberes localizados (Haraway, 2009), questionando a proposta objetivista da ciência tradicional e colonial e tensionando os saberes tradicionais a partir das interseccionalidades.

¹ Mestranda em Direitos Humanos, Cidadania e Políticas Públicas (PPGDH/UFPB), especialista em direito e gênero (FACUVALES), jurista e historiadora. Primeira travesti do curso de ciências jurídicas da UFPB. Teórica fundadora do transfeminismo jurídico no Brasil. É escritora, palestrante e pesquisadora nas áreas de travestilidades, transfeminismo jurídico, trabalho decente e direitos humanos. email: mackclarisse@gmail.com.

² Mestranda em Direitos Humanos, Cidadania e Políticas Públicas (PPGDH-UFPB), bacharela em Direito pela Universidade Federal da Paraíba e graduanda em Pedagogia pela mesma universidade. email: ingridsantosjesus@gmail.com

³ Mestranda em Direitos Humanos, Cidadania e Políticas Públicas (PPGDH/UFPB), especialista em violência de gênero e diversidade humana (ESMA), Assistente Social, docente da SENASP, Coordenadora Estadual do Programa Integrado Patrulha Maria da Penha (SEMDH/PB). É palestrante e pesquisadora em violência doméstica, gestão de risco e interseccionalidades. email: monica.db2018@gmail.com

O trabalho se subdivide em tópicos que dialogam com os atravessamentos das mulheridades no contexto educacional, pensando como raça, gênero, capacidade, classe e território se localizam na experiência viva de cada estudante.

“A MAIOR VINGANÇA É ESTAR VIVA”: TENSIONANDO O ACESSO E A PERMANÊNCIA DE UMA TRAVESTI NO MESTRADO

Das entranhas travestis do meu eu surgem potências múltiplas para a (trans)formação do mundo. Clarisse sou “eu”. Destaco o eu como possibilidade porque isto me foi negado desde o surgimento nesse plano. Este “eu” nunca entendeu a travestilidade como sofrimento, redução das minhas potencialidades ou empecilho individual, mas, antes, como sinônimo de vida. Eu estou viva porque sou travesti. Eu sempre estive morta por não ser.

Clarisse não pôde ser ela quando criança. Antes disso, era reprimida violentamente quando se aproximava de qualquer performatividade (Butler, 2020) lida como feminina. As tapas, os xingamentos e a pedrada diziam que a escola não era o meu lugar, porque eu não deveria ter lugar no mundo. Eu não deveria existir. A educação não era libertadora, mas reprodutora da cis-hétero-normatividade, a partir da pedagogia das sexualidades (Louro, 2000), que tentou incidir sobre o meu corpo uma conformação.

Em todas as formas de educação, seja na formalidade da escola, na informalidade ou na não formal, buscou-se condicionar a minha identidade de gênero à norma cis, produzindo um lugar inexistente para a minha existência. Entretanto, a travestilidade é a potência que rompe com o vácuo produzido pela violência da cisgeneridade e pulveriza a vida. A travestilidade é como mãe iemanjá, é a mãe que dá vida, ela me pariu e deu à luz a mim enquanto ser. Eu me torno eu, para me tornar no mundo. E ocupo, então, o lugar de ser a primeira travesti do curso de direito da Universidade Federal da Paraíba (UFPB).

Produzo e sou produzida pela minha própria travestilidade em uma gênese que se retroalimenta e produz um novo e outro lugar no direito: o transfeminismo jurídico. Sou, então, a fundadora desse campo do saber jurídico. Ocupo agora um lugar no mestrado e me aquilombo com outras que são atravessadas por marcadores distintos dos meus, mas que também sentem o peso do não lugar e da não existência.

UBUNTU “EU SOU PORQUE NÓS SOMOS”: ESCRIVIVÊNCIAS DE UMA MULHER NEGRA NO MESTRADO

Eu sou porque nós somos, é desse lugar que Mônica, mulher negra, mãe solo, feminista, Assistente Social, ativista de direitos humanos com itinerário profissional vivenciando escuta

de mulheres em situação de violência doméstica, sendo estas a maioria negras e periféricas, chega ao mestrado. Traz consigo, na bagagem, a experiência construída por trincheiras com perspectiva interseccional e coletiva, atravessada por diversas opressões estruturais, incluindo racismo, machismo e desigualdades socioeconômicas.

O lugar da mulher negra no mestrado é um ato de resistência, trata-se de ocupar um território historicamente excludente, que por muito tempo negou não apenas o acesso, mas também a legitimidade da voz e da experiência dessas mulheres como produtoras de saber. A universidade, muitas vezes, ainda se estrutura a partir de uma lógica eurocêntrica, patriarcal e elitista.

Nesse contexto, a mulher negra enfrenta um duplo ou triplo desafio: o racismo institucional, o sexismo e, em muitos casos, as desigualdades de classe. Não raro, ela precisa provar constantemente sua competência, mesmo depois de ter vencido inúmeras barreiras para chegar até ali.

Quando ela traz sua experiência, suas referências afro-diaspóricas, da ancestralidade e da coletividade, rompe com a ideia de que o conhecimento é neutro. Ela retrata nas suas produções outras formas de pensar, sentir e produzir saber, deslocando o centro e provocando uma necessária reconfiguração desses saberes.

Como afirma Lélia Gonzalez (1988), pensar a partir da “Amefricanidade” é reconhecer que a mulher negra é sujeito histórico e epistêmico, portadora de um saber que nasce da vivência e da resistência. Portanto, é preciso ocupar os espaços de escrita e reflexão para que a história negra não continue sendo narrada apenas por outros. Sendo assim, o lugar da mulher negra no mestrado é um lugar de afirmação, de denúncia e de construção coletiva de novos horizontes onde o saber acadêmico se encontra com o saber ancestral e comunitário.

O PESO INVISÍVEL: A R-EXISTÊNCIA DE UMA MULHER NEURODIVERGENTE NA PÓS-GRADUAÇÃO

Abro os olhos e vejo que horas são. Hoje é dia de aula presencial da pós-graduação. Ao levantar e dobrar os lençóis repasso mentalmente passo a passo de cada coisa que terei que fazer antes de enfrentar o maior desafio do dia: sair de casa. A rotina noturna vai definir massivamente como será o humor do dia: se as dores no corpo permitirão assistir aula nas cadeiras mais confortavelmente ou não, se terei dores de cabeça por ter dormido demais ou de menos, se conseguirei ter energia suficientes para preparar um lanche e levar para a universidade e ser capaz de me alimentar, tudo influencia.

Ao chegar na sala de aula a sou invadida por uma onda de sons, luzes e cheiros aparentemente imperceptíveis para as outras pessoas, enquanto os meus olhos atentos se dividem entre prestar atenção na explicação dada pelo professor e decifrar os sinais sociais dos meus colegas de turma. Após horas de aulas sou tomada pela sobrecarga sensorial, preciso sair, respirar um pouco, movimentar o corpo e ser capaz de aguentar mais algumas horas. A exaustão toma conta de mim enquanto tento absorver algo do conteúdo que está sendo dado e mascarando todo o meu sofrimento invisível em um processo conhecido como *masking* ou camuflagem social.

A fadiga crônica e a síndrome de burnout são frequentemente negligenciadas em discussões sobre pessoas que convivem com o Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade e pessoas que estão dentro do espectro autista, embora sejam muito comuns em nossas vidas. E embora existam políticas de acesso para pessoas com deficiência na graduação e pós-graduação, não existem políticas adequadas de permanência para pessoas neurodivergentes.

Nesse sentido, viver e (re)existir sendo uma mulher neurodivergente, acadêmica e oriunda da classe trabalhadora, perpassa também por uma estratégia política. Utilizando o conceito da “Teoria das Colheres” de Christine Miserandino, pessoa que convive com uma doença autoimune, ao acordar pessoas sem nenhum tipo de deficiência possuem uma quantidade infinita de colheres. Porém, ao conviver com uma deficiência, principalmente uma que se relaciona diretamente com as funções executivas, possuo um número limitado de colheres.

Então cada atividade do meu dia passa a ter um valor e representa uma colher gasta para cada uma delas (tomar banho, me vestir, preparar uma refeição, me deslocar até a universidade, assistir aula, socializar). É aí que preciso ser meticulosa em cada escolha que faço, pois, viver sendo neurodivergente em um mundo que não é projetado para nós é estar atenta à quantidade de energia que possuo e às atividades em que vou gastar as minhas colheres naquele dia. E embora seja desafiador e cansativo, aprendi, que mesmo nos dias em que não consigo dar conta, que o amanhã é um outro dia para recomeçar.

“GAROTAS DA ZONA SUL” COMO AQUILOMBAMENTO INTERSECCIONAL

Em consonância com as intelectualidades negras, o aquilombamento é um lugar de resistência e afetividade que se traduz na potencialidade em conjunto e que aqui se percebe não

apenas com a perspectiva racial, mas pulverizando também outros aquilombamentos, como o trans-aquilombamento. Neste sentido:

Aquilombar-se é, portanto, uma ação contínua de existência autônoma frente aos antagonismos que se caracterizam de diferentes formas ao longo da história dessas comunidades, e que demandam ações de luta ao longo das gerações para que esses sujeitos tenham o direito fundamental a resistirem e existirem com seus usos e costumes. Esse existir tem um movimento fortemente voltado para a coletividade, para os laços que unem os quilombolas entre si e que, num movimento mais amplo e recente, une as comunidades de distintas regiões. (Souza, 2008, p. 106)

Brito *et al.* (apud Nascimento, 1985, p. 48), por sua vez, no contexto educacional, propõem um currículo capaz de aquilombar-se, esclarecendo que “(...) o quilombo, ao abranger em sua trajetória histórica conotações de resistência étnica e política, projeta uma esperança de que instituições semelhantes possam atuar no presente ao lado de várias outras manifestações de reforço à identidade cultural”.

As “garotas da zona sul” é compreendido neste trabalho e por suas autoras como um aquilombamento interseccional, sendo a construção de potencialidades em conjunto ante as dificuldades e desafios da vida universitária. Estas mulheres - negras, travesti, neurodivergente - encontraram na troca de experiências educacionais do mestrado um lugar outro para o (não) lugar social anteriormente determinado, no expandir de uma força capaz de vencer com a zona do não-ser (Fanon, 2008).

REFERÊNCIAS

BRITO, E. P. P. E.; SANTOS, A.; MATOS, M.. Pode um currículo aquilombar-se?. **Cadernos de Pesquisa**, v. 50, n. 176, p. 429–443, abr. 2020.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. 22ª Edição. São Paulo: Civilização Brasileira, 2020.

EVARISTO, Conceição. A escrevivência e seus subtextos. *In: Escrevivência: a escrita de nós - Reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo*. Org: Constância Lima Duarte, Isabella Rosado Nunes; ilustrações Goya Lopes. -- 1. ed. -- Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020.

FANON, Frantz. **Pele Negra Máscaras Brancas**. Salvador: EdUFBA, 2008

GONZALEZ, Lélia. A categoria político-cultural de amefricanidade. *In: Tempo Brasileiro*. Rio de Janeiro, Nº. 92/93 (jan./jun.). 1988, p. 69-82.

HARAWAY, Donna. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. **Cadernos Pagu**, Campinas, SP, n. 5, p. 7–41, 2009.

Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/1773>.
Acesso em: 27 out. 2025.

LOURO, Guacira Lopes. Pedagogias da Sexualidades. *In*: **O corpo educado**: pedagogias da sexualidade. 2ª Ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

SOUZA, Bárbara Oliveira. AQUILOMBAR-SE: Panorama histórico, Identitário e Político do Movimento Quilombola Brasileiro. Orientador: José Jorge de Carvalho. 2008. **Dissertação** (Mestrado em Antropologia Social) - Universidade de Brasília, Brasília, 2008.